



Cofinanciado por:



**RELATÓRIO FINAL**

**DA**

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INTERNA**

**ESCOLA SECUNDÁRIA DE INÊS DE CASTRO**

**2017 – 2018**

O Relatório que agora se apresenta foi elaborado de acordo com os objetivos gerais da avaliação interna, visando atingir a melhoria permanente da avaliação, quer como instrumento de diagnóstico regulador e promotor da qualidade, quer como instrumento de reflexão crítica partilhada, sempre perseguindo, naturalmente, a consolidação do processo de autoavaliação.

Nesse sentido, e de acordo com o previsto no seu Regimento Interno, a Comissão de Avaliação Interna (CAI) da Escola Secundária de Inês de Castro (ESIC) procede à apresentação do Relatório Final referente ao ano letivo 2017/2018, que, como habitualmente, depois de posto à consideração do Conselho Pedagógico e do Conselho Geral, deverá ser colocado ao dispor de toda a comunidade escolar.

Tal como nos relatórios anteriores, as linhas orientadoras do presente são as decorrentes do Referencial de Autoavaliação Interna (RAI) da ESIC, depois de acordados com o Diretor os Domínios, os Campos de análise e os Parâmetros a analisar. Por forma a dar prossecução aos objetivos propostos, esta CAI desenvolveu o seu trabalho seguindo a metodologia definida desde a elaboração do RAI, como a seguir se especifica.

1. No que respeita ao domínio **Resultados**, procedeu-se à análise documental relativa aos campos:
  - 1.1 **Resultados académicos**, de acordo com o previsto no critério “Percentagem de sucesso” e em função dos indicadores “Alunos que transitaram/admitidos a exame” e “Diferencial entre avaliação interna/externa”;
  - 1.2 **Resultados sociais**, considerando os critérios “Percentagem de sucesso pessoal” e “Cumprimento de regras”, segundo os indicadores “Alunos que entraram no ensino superior” e “Dados do Programa de combate à indisciplina”, a que acrescem informações recolhidas especificamente a partir dos questionários aplicados aos professores e aos assistentes.
2. Por outro lado, o foco de análise centrou-se no domínio **Prestação de serviço educativo**, pelo que nos questionários aplicados aos docentes se visava a recolha de informação no âmbito dos campos:
  - 2.1 **Planeamento e articulação**, de acordo com critério “Trabalho colaborativo” e em função do indicador “Práticas de diferenciação pedagógica”;
  - 2.2 **Práticas de ensino**, com vista à aferição dos critérios “Adequação” e “Eficácia”, no âmbito do indicador “Medidas de apoio”.

3. Finalmente, no domínio **Liderança e gestão**, contou-se com o contributo de toda a comunidade escolar, ou seja, pessoal docente, discentes, encarregados de educação (EE), assistentes técnicos e assistentes operacionais (AT/AO). Embora tendo sido aplicados questionários que consideram campos distintos, na medida em que os destinatários eram também distintos, todos eles visavam aferir o indicador “Grau de satisfação interna e externa”, de acordo com o que se segue:
- 3.1 no caso do pessoal docente, consideraram-se dois campos: **Liderança**, aí se considerando os parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, e **Gestão**, considerando-se o parâmetro “Horários e distribuição de serviço”;
- 3.2 no que a alunos, EE e AT/AO diz respeito, e dentro do campo **Gestão**, os critérios em análise foram “Práticas de organização”, “Adequação” e “Eficácia”.
- Recorde-se ainda que, quer nos questionários direcionados aos docentes quer nos direcionados aos assistentes, foi também considerado o campo **Resultados sociais**, concretamente no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita.

Atendendo a que o seu plano de ação prevê a consolidação dos mecanismos de autoavaliação, a CAI procurou desde sempre desenvolver uma metodologia com características de investigação/ação para, através de conhecimento tão fundamentado quanto possível, tentar propiciar intervenções mais adequadas e eficientes, de modo a procurar criar as condições necessárias à mudança e/ou melhoria que se deseja. Para além da análise documental e dos questionários aplicados, também os contactos não intencionais e informais continuaram a ser uma metodologia considerada, na medida em que permitem ter uma visão mais alargada da escola no seu todo. Por isso mesmo, algumas das reflexões apresentadas resultam, precisamente, da aplicação desta metodologia.

Finalmente, convirá recordar o que se tem vindo a frisar em relatórios anteriores – à CAI apenas compete apresentar dados e eventuais sugestões que abram perspetivas sobre caminhos a seguir. Saliente-se que, para isso e com o objetivo de melhorar o seu desempenho, sempre contou com todos os contributos dos que entenderem prestá-los, dado que apenas a melhoria dos resultados da ESIC nos norteia. Assim, e na sequência do que neste Relatório se apresenta, caberá ao Diretor solicitar propostas conducentes a planos de melhoria para os domínios analisados, se entender necessário fazê-lo.

## 1. RESULTADOS ACADÉMICOS E SOCIAIS DOS ALUNOS

**1.1** Da análise dos **Resultados académicos**, e tendo em conta as taxas de sucesso verificadas na ESIC e as verificadas a nível nacional (cf. Anexo 1), pode concluir-se que, por comparação, e a exemplo do ano transato, os resultados dos nossos alunos continuam muito abaixo do desejável, seja por ano de escolaridade, seja em relação à percentagem global de sucesso, agudizando-se essa realidade no ano terminal de cada um dos ciclos. É isso mesmo que mostram os quadros abaixo.

<b>ENSINO REGULAR – BÁSICO</b>				
<b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE</b>				<b>% GLOBAL DE SUCESSO</b>
<b>ANO</b>	<b>7º</b>	<b>8º</b>	<b>9º</b>	
<b>ESIC</b>	<b>88,36%</b>	<b>78%</b>	<b>76,96%</b>	<b>80,6%</b>
NACIONAL	89,45%	92,52%	92,16%	94,27%

<b>ENSINO REGULAR – SECUNDÁRIO</b>				
<b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE</b>				<b>% GLOBAL DE SUCESSO</b>
<b>ANO</b>	<b>10º</b>	<b>11º</b>	<b>12º</b>	
<b>ESIC</b>	<b>80,85%</b>	<b>86,78%</b>	<b>65,14%</b>	<b>78,47%</b>
NACIONAL	85,3%	91,88%	70,28%	82,82%

No que respeita aos cursos qualificantes, poderemos verificar que, também contrariamente ao habitual, a realidade aproxima-se da do ensino regular. Assim, no 2º e 3º anos dos cursos profissionais os resultados são também piores que os nacionais, particularmente no 3º ano, daí resultando que igualmente o seja a percentagem global de sucesso.

<b>CURSOS QUALIFICANTES</b>				
<b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO</b>				
<b>CURSO</b>	<b>PROFISSIONAL</b>			<b>% GLOBAL DE SUCESSO</b>
<b>ANO</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>	
<b>ESIC</b>	<b>100%</b>	<b>95,65%</b>	<b>68,82%</b>	<b>86,02%</b>
NAC.	98,03%	99,07%	73,41%	91,25%

## EXAMES NACIONAIS

Centremo-nos, agora, nos dados relativos à avaliação interna e externa, por forma a melhor perceber o desempenho dos nossos alunos. Recorde-se, no entanto, que a comparação dos resultados finais estará eivada de alguma falta de rigor, na medida em que os dados facultados pelo Ministério da Educação através do IAVE, não só não distinguem escolas públicas de privadas, como não entram em linha de conta com os resultados esperados, ou seja, com aqueles que seria expectável que os alunos obtivessem em função do meio económico, social e cultural em que estão inseridos. Por isso mesmo, e em função da parcialidade dos dados de que dispomos, quer parecer-nos ser necessária uma certa “reserva” nas leituras que se fazem.

### ENSINO BÁSICO

Face aos resultados obtidos no 9º ano de escolaridade, poderá perceber-se que o desempenho dos nossos alunos na disciplina de **Matemática** se revela cada vez mais preocupante, como podemos ver no quadro abaixo. Assim, a percentagem dos que obtiveram nível inferior a três passou de uns já muito elevados **58%**, na **classificação interna**, para **86%**, na **externa**, resultados bem piores que os verificados na mesma disciplina no ano transato (27% e 79%, respectivamente).

DISCIPLINAS	9º ANO DIFERENÇA ENTRE A CLASSIFICAÇÃO INTERNA (UNIVERSO DE 201 ALUNOS (PORT) E 202 (MAT) E A CLASSIFICAÇÃO DE EXAME (UNIVERSO DE 174 ALUNOS A PORT E 176 A MAT) PERCENTAGEM DE NÍVEIS < 3 (CI E CE) NOS DOIS ÚLTIMOS ANOS							
	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	% DE NÍVEIS < 3			
	CI		CE		CI	CE	CI	CE
					2016/17		2017/18	
PORTUGUÊS	150	51	132	42	25%	37%	25%	24%
MATEMÁTICA	85	117	25	151	27%	79%	58%	86%

Face a estes dados, importará refletir sobre o diferencial considerável entre o número de **alunos admitidos a exame com nível igual ou superior a três** e os que **obtiveram o mesmo resultado em exame**.

Para isso, espera-se, contribuirá o quadro que se segue, do qual se conclui que, dos alunos admitidos a **Português** nas condições referidas foi de **88%** a percentagem dos que obtiveram **nível positivo**, sendo essa percentagem de **29%** no caso de **Matemática**.

TURMAS	PORTUGUÊS		MATEMÁTICA		
	ADMITIDOS COM NÍVEL $\geq 3$	OBTIVERAM NÍVEL $\geq 3$ EM EXAME	ADMITIDOS COM NÍVEL $\geq 3$	OBTIVERAM NÍVEL $\geq 3$ EM EXAME	
A	18	17	9	7	
B	17	13	14	4	
C	18	13	7	0	
D	16	18	16	3	
E	18	17	13	3	
F	18	12	3	0	
G	15	15	10	3	
H	14	12	5	2	
I	16	15	8	3	
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	Nº	<b>85</b>	Nº	%
		<b>132</b>		<b>88%</b>	<b>25</b>

No entender desta CAI, os dados de que agora se dá conta deverão ser alvo de uma reflexão muito, muito cuidada por parte dos vários envolvidos, pelo que a seu tempo procuraremos apresentar algumas sugestões.

#### ENSINO SECUNDÁRIO (Anexos 2 – 1ª fase – e 3 – 2ª fase)

##### 11º ANO

De entre as disciplinas de 11º ano em que os nossos alunos, nas duas fases, foram sujeitos a exame no ano letivo 2017/2018, verifica-se terem ocorrido classificações inferiores a dez valores em todas as disciplinas, de acordo com o que se segue:

**Física e Química A** – 15 de 67 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e 12 de 30 na 2ª;

**Biologia e Geologia** – três de 58 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de 21 na 2ª;

**Matemática Aplicada às Ciências Sociais** – três de 22 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de nove na 2ª;

**Geografia A** – um de 19 alunos obteve classificação inferior a dez na 1ª fase e um de um na 2ª.

**Literatura Portuguesa** – quatro de 18 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de oito na 2ª.

**Francês** – três de 18 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de quatro na 2ª.

**Geometria Descritiva A** – dois de sete alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de cinco na 2ª.

**Filosofia** – um de dez alunos obteve classificação inferior a dez na 1ª fase.

Em função do desempenho dos alunos nas oito disciplinas já referidas e abaixo consideradas, os dados percentuais de reprovações nas duas fases são os que poderemos ver no quadro que se segue (entre parêntesis, por baixo do nome da disciplina, surge o número de alunos que realizaram exames em cada uma das duas fases).

<b>11º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)</b>				
FASES	<b>DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE</b>			
	<b>FÍS E QUÍM. A (1ª-67/2ª-30)</b>	<b>BIOL E GEOL. (1ª-58/2ª-21)</b>	<b>MACS (1ª-22/2ª-9)</b>	<b>GEOGRAFIA A (1ª-19/2ª-1)</b>
1ª	<b>22,4%</b>	<b>5,2%</b>	<b>13,6%</b>	<b>5,3%</b>
2ª	<b>40%</b>	<b>9,5%</b>	<b>22,2%</b>	<b>100%</b>

FASES	<b>LIT PORT. (1ª-18/2ª-8)</b>	<b>FRANCÊS (1ª-18/2ª-4)</b>	<b>GEOMETRIA DESCRITIVA A (1ª-7/2ª-5)</b>	<b>FILOSOFIA (1ª-10)</b>
1ª	<b>22,2%</b>	<b>16,7%</b>	<b>28,6%</b>	<b>10%</b>
2ª	<b>25%</b>	<b>50%</b>	<b>40%</b>	<b>----</b>

Considerando agora a diferença entre a Classificação interna final (CIF) e a Classificação de exame (CE) ocorrida nestas disciplinas de 11º ano, verifica-se haver um diferencial bastante acentuado em quase todas, de acordo com o quadro que se segue.

<b>11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS)</b> <b>(1ª E 2ª FASES)</b>				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	MACS	GEOGRAFIA A
1ª	<b>5,6</b>	<b>4,6</b>	<b>3,6</b>	0,3
2ª	<b>5,1</b>	<b>5,9</b>	<b>2,3</b>	<b>4,4</b>

FASES	LIT PORT.	FRANCÊS	GEOMETRIA DESCRITIVA A	FILOSOFIA
1ª	<b>5,2</b>	1,5	<b>7,4</b>	<b>4,4</b>
2ª	<b>5,6</b>	<b>5,2</b>	<b>4,8</b>	---

Destas oscilações resultam, naturalmente, pequenas diferenças percentuais entre a CIF e a classificação final da disciplina (CFD), que se registam.

<b>11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS)</b> <b>(1ª E 2ª FASES)</b>				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	MACS	GEOGRAFIA A
1ª	<b>1,3</b>	<b>1,1</b>	0,5	-0,1
2ª	<b>1,3</b>	<b>1,3</b>	0,3	<b>1,0</b>

FASES	LIT PORT.	FRANCÊS	GEOMETRIA DESCRITIVA A	FILOSOFIA
1ª	<b>1,3</b>	0,4	<b>1,3</b>	<b>1,1</b>
2ª	<b>1,4</b>	<b>1,0</b>	<b>1</b>	---



## 12º ANO

Em relação aos exames nacionais deste ano de escolaridade, como se poderá verificar abaixo, destaca-se o facto de a percentagem global de classificações negativas ter sido bastante elevada na disciplina de Matemática A (11 de 53 alunos na 1ª fase e oito de 24 na 2ª), assim como na 2ª fase da de História A (embora correspondendo a dois de um total de seis alunos).

<b>12º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)</b>			
FASES	DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE		
	PORTUGUÊS (1ª-94/2ª-31)	MATEMÁTICA A (1ª-53/2ª-24)	HISTÓRIA A (1ª-42/2ª-6)
1ª	1,1%	<b>20,8%</b>	<b>7,1%</b>
2ª	<b>3,2%</b>	<b>33,3%</b>	<b>33,3%</b>

Da análise comparativa entre a CIF e a CE nas duas fases de exames, percebe-se ter ocorrido um diferencial considerável em todas as disciplinas.

<b>12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)</b>			
FASES	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	<b>3,5</b>	<b>4,0</b>	<b>5,5</b>
2ª	<b>3,8</b>	<b>3,0</b>	<b>3,5</b>

Assim, e em função dos dados acima, as diferenças percentuais entre a CIF e a CFD nas três disciplinas em causa são aquelas de que a seguir se dá conta.

<b>12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)</b>			
FASE	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	0,8	0,9	<b>1,5</b>
2ª	0,8	0,6	<b>1,0</b>

Em síntese, quer parecer-nos que o desempenho global dos alunos da ESIC em exame continua a não ser dos melhores, o que, como é evidente, deverá ser alvo de ponderação em sede própria. Porém, convirá recordar que, por um lado, a avaliação interna inclui Instrumentos de verificação e Critérios de referência que, naturalmente, estão ausentes da avaliação externa e, por outro, o desempenho dos alunos em situação de exame, por condicionantes diversos, nem sempre corresponde ao expectável. De qualquer modo, sendo nosso objetivo a melhoria constante dos resultados, há que procurar reduzir o diferencial que se verifica entre a avaliação interna e a externa.

**1.2** No que aos **Resultados sociais** concerne, e tendo como base o documento “Resultados do Concurso Nacional de Acesso 2018” (Anexos 4 – 1ª fase e 5 – 2ª fase), verifica-se uma considerável melhoria em relação aos dados do ano 2016/2017, dado ser agora de **82%** a percentagem de alunos colocados na **1ª fase**, contra **65%** no ano transato. Em sentido inverso, verifica-se um agravamento significativo em relação às colocações na **2ª fase**, de 47% em 2016/2017 para **36%** no ano a que este Relatório respeita.

FASES	CANDIDATURAS	COLOCADOS					
		TOTAIS		POR OPÇÃO			
		Nº	%	1ª opção		2ª opção	
				Nº	%	Nº	%
<b>1ª</b>	71	58	<b>82%</b>	21	36%	17	29%
<b>2ª</b>	28	10	<b>36%</b>	4	40%	4	40%

Ainda no âmbito dos **Resultados sociais**, olhemos agora para alguns dos dados do Programa de combate à indisciplina (PCI) – Anexo 6 –, no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita, recordando, uma vez mais, as três “tipologias de indisciplina” consideradas pelo Programa em causa (o negrito é nosso).

**Tipo 1** – “Perturbações que afetam o normal desenvolvimento da aula e que se traduzem pelo **incumprimento das regras** necessárias ao adequado funcionamento da aula.”

**Tipo 2** – “Problemas nas **relações entre alunos**, que se traduzem em conflitos verbais que afetam a dignidade e o bem-estar dos colegas.”

**Tipo 3** – “Conflitos nas **relações professor/aluno**, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa.”

Para proceder a uma mais profícua reflexão sobre os resultados atuais, optou-se por, a exemplo do que é habitual, estabelecer uma relação com os dois anos transatos, considerando-se, assim, os dados relativos aos últimos dois anos, de que a seguir se dá conta.

OCORRÊNCIAS	PCI		
	2015/16	2016/17	2017/18
NÚMERO TOTAL	766	572	393

Da observação do quadro, destaca-se uma melhoria gradual e muito considerável do total de ocorrências, que, pensa esta CAI, seria em tudo benéfico se viesse a revelar-se consistente.

Vejamos agora como se distribuem as várias ocorrências por tipologia/ano de escolaridade, para o que se deverá atentar no quadro abaixo, no qual também se incluem os dois últimos anos letivos.

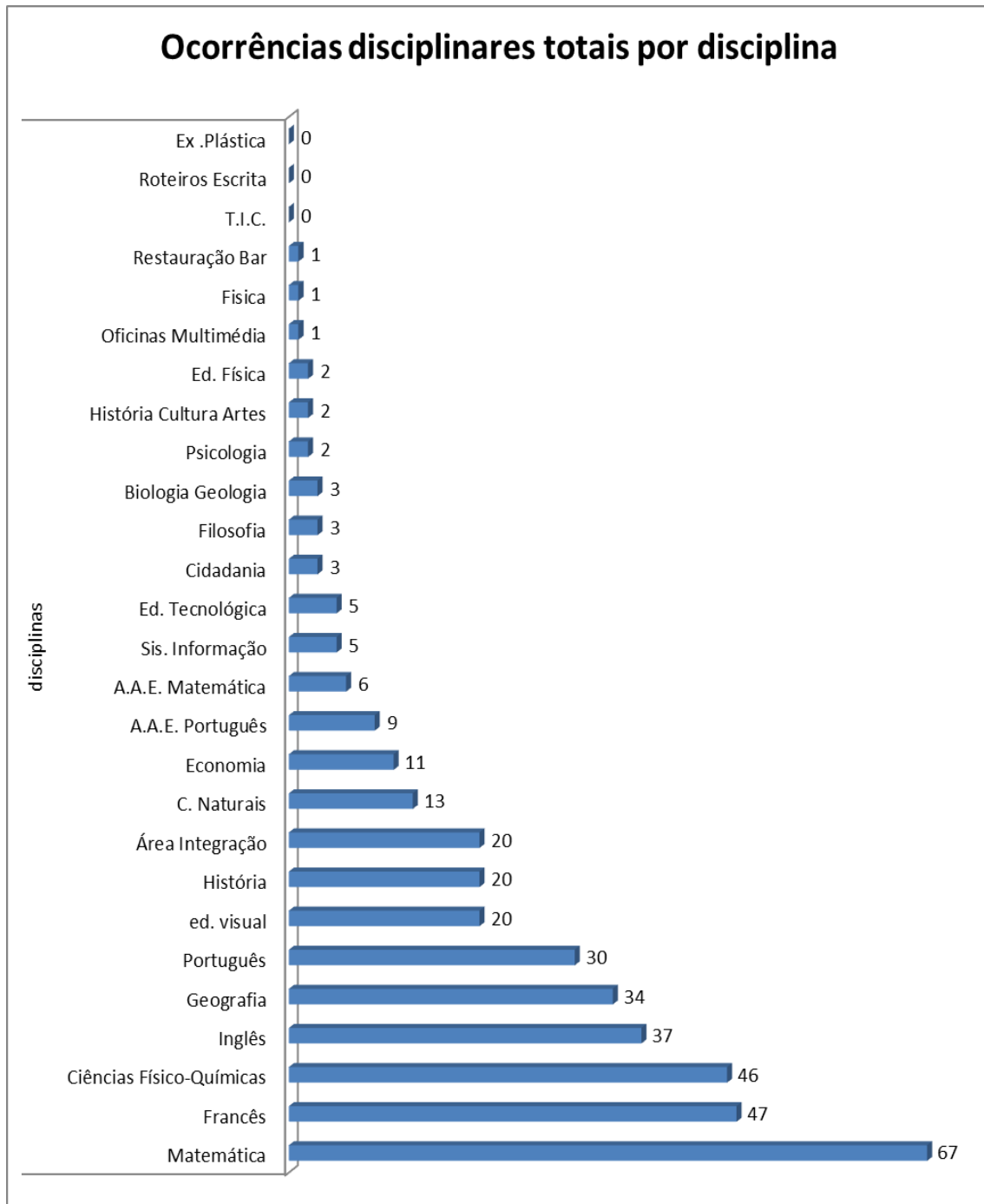
Refira-se, no entanto, que os dados recolhidos pelo PCI passaram a ser agrupados por ciclo, como abaixo se perceberá, não sendo, por isso, possível fazer uma leitura por ano de escolaridade. No entanto, e de forma a procurar facilitar a com-

paração dos dados, introduzimos uma coluna com o subtotal de ocorrências no básico e no secundário, para cada uma das tipologias.

ALUNOS ENCAMI- NHADOS PARA O PCI	OCORRÊNCIAS								
	TIPO 1			TIPO 2			TIPO 3		
	2015/16	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18
7º ANO	408	229	<b>166</b>	<b>47</b>	21	<b>21</b>	<b>35</b>	8	<b>123</b>
8º ANO	155	<b>159</b>		<b>13</b>	<b>13</b>		9	3	
9º ANO	68	<b>118</b>		1	4		10	<b>11</b>	
SUBTOTAL	<b>631</b>	<b>506</b>		<b>61</b>	<b>38</b>		<b>54</b>	<b>22</b>	
10º ANO	<b>15</b>	4	<b>32</b>	0	0	<b>2</b>	1	1	<b>49</b>
11º ANO	1	0		0	0		0	0	
12º ANO	3	1		0	0		0	0	
SUBTOTAL	<b>19</b>	<b>5</b>		<b>0</b>	<b>0</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	
<b>TOTAL</b>	<b>650</b>	<b>511</b>	<b>198</b>	<b>61</b>	<b>38</b>	<b>23</b>	<b>55</b>	<b>23</b>	<b>172</b>

Em relação ao **3º ciclo**, o que ressalta de imediato é a **redução de ocorrências** de **Tipo 1** e **Tipo 2**, a par de um **agravamento** muito, muito acentuado das de **Tipo 3**. Já em relação ao **secundário**, constata-se, com alguma perplexidade, devemos confessá-lo, um **agravamento** de ocorrências de **todas as tipologias**, com **particular incidência** também nas de **Tipo 3**, que reportam, recorde-se, para “Conflitos nas **relações professor/aluno**, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa.” Em função da realidade de que este quadro dá conta, parece-nos ser necessário proceder de forma a pôr cobro de modo claro e inequívoco a quaisquer situações em que a dignidade dos docentes seja posta em causa.

Como forma de melhor compreender os resultados acima, sugere-se a consulta do Anexo 6, do qual constam diversos gráficos com dados de inegável interesse. De resto, decidimos, pela primeira vez, incluir no corpo deste relatório o gráfico que se segue, que dá conta das ocorrências por disciplina e nos parecer merecer uma reflexão muito aprofundada em sede própria.



Face aos resultados apresentados, a expectativa é a de que o PCI prossiga de acordo com os objetivos delineados e que os resultados futuros venham a confirmar a tendência de melhoria verificada no ensino básico e, simultaneamente, invertam a realidade que se verificou no secundário. Para que assim seja, do nosso ponto de vista, continuará a ser fundamental o envolvimento e empenho de toda a comunidade educativa, aí se incluindo, como não poderia deixar de ser, os encarregados de educação. Só assim, como sabemos, será possível que os resultados escolares dos alunos melhorem significativamente e de forma sustentada, como todos desejamos.

Numa tentativa de complementarmos e esclarecermos os dados relativos às ocorrências verificadas, apresentemos agora os obtidos através dos questionários dirigido aos **docentes** e aos AT/AO (cf. Anexos 7/8 e 13/14), que espelham a **visão** dos mesmos sobre os nossos **alunos** no que ao critério “**Cumprimento de regras**” diz respeito. Recorde-se que a variável “Não sei”, introduzida já no ano anterior em duas das cinco questões colocadas aos assistentes, resulta do facto de ser difícil aos AT manifestar conhecimento sobre alguns dos parâmetros em análise.

OS ALUNOS					
	DOCENTES		ASSISTENTES		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	N/ SEI
TÊM BOM COMPORTAMENTO	<b>25%</b>	<b>75%</b>	<b>38%</b>	<b>62%</b>	---
RESPEITAM OS PROFESSORES	<b>49%</b>	<b>51%</b>	<b>14%</b>	<b>24%</b>	<b>62%</b>
RESPEITAM OS ASSISTENTES	<b>41%</b>	<b>59%</b>	<b>86%</b>	<b>14%</b>	---
RESPEITAM-SE ENTRE SI	<b>27,5%</b>	<b>72,5%</b>	<b>24%</b>	<b>76%</b>	---
RESPEITAM OS EQUIPAMENTOS	<b>33%</b>	<b>67%</b>	<b>3%</b>	<b>90%</b>	<b>7%</b>

Como se pode perceber pelos dados do quadro acima, o comportamento dos alunos em geral não será dos melhores, pelo que há que continuar a atuar a este nível. Saliente-se, a propósito, que no que respeita ao tratamento das **questões disciplinares**, se no ano 2015/2016 a percentagem de docentes que considerava que estas eram **tratadas da melhor forma** era de 60%, essa percentagem passou no ano transato para 53%, sendo agora de **75%**.

## 2. PRESTAÇÃO DE SERVIÇO EDUCATIVO

Através do questionário aplicado a todos os docentes em serviço na ESIC (Anexo 7), pretendeu-se não só aferir o grau de satisfação com as diferentes lideranças, dados sobre os quais nos centraremos no ponto seguinte, mas também conhecer melhor a realidade profissional do nosso corpo docente, para além de procurar monitorizar o Domínio “Prestação de serviço educativo”, seja através do Campo “Planeamento e articulação”, no âmbito do trabalho colaborativo, seja através dos dados relativos ao Campo “Práticas de ensino”. É dos dados obtidos que a seguir daremos conta (cf. Anexo 8).

Assim, no que à situação profissional e ao tempo de serviço dos docentes diz respeito, considere-se o quadro abaixo.

TOTAL	SITUAÇÃO PROFISSIONAL	QUADRO DE ESCOLA	QZP	OUTRA
		76%	10%	14%
109	TEMPO DE SERVIÇO	MAIS 20 ANOS	11-20 ANOS	MENOS 10 ANOS
		79%	15%	6%

**2.1** No que concerne ao **Planeamento e articulação**, concretamente no âmbito do **trabalho colaborativo**, há a salientar que a grande maioria dos docentes o avalia positivamente no que respeita aos diferentes parâmetros considerados, a saber: “**Discutir estratégias de diferenciação pedagógica**” (níveis 3 a 5 para **93%** dos inquiridos), “**Procurar soluções para minimizar o insucesso escolar**” (níveis 3 a 5 para **94%** dos inquiridos), “**Analisar e refletir sobre práticas letivas**” (níveis 3 a 5 para **94%** dos inquiridos), “**Partilhar experiências e práticas docentes**” (níveis 3 a 5 para **91%** dos inquiridos).

**2.2** Igualmente positivos são os dados respeitantes a **Práticas de ensino**, mais concretamente às “Práticas na sala de aula”, visto que, de acordo com as respostas obtidas, é de **92%** a percentagem dos inquiridos que **diz ter alterado as suas práticas graças ao trabalho colaborativo** (recorde-se que em 2014/15 essa percentagem situava-se nuns muito pouco ambiciosos 57%).

Face aos dados apresentados, quer parecer-nos que o trabalho colaborativo continua a revelar-se uma mais-valia, pelo que há que continuar a investir nesta prática de uma forma cada vez mais consistente.

### 3. LIDERANÇA E GESTÃO

Sendo objetivo da avaliação interna a melhoria aos mais diversos níveis, a CAI tem vindo a aplicar questionários aos docentes da ESIC, assim como aos alunos, encarregados de educação (EE), AT e AO, tendo como “centro” aspetos cuja avaliação global tem vindo a evidenciar-se menos positiva e no âmbito dos quais foram sugeridos e, eventualmente, desenvolvidos planos de melhoria.

#### A. PESSOAL DOCENTE

Visando aferir o seu grau de satisfação relativamente aos domínios “Liderança e gestão”, com base nos campos “Liderança” (parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”) e “Gestão” (parâmetro “Horários e distribuição de serviço”), passamos a dar conta dos resultados obtidos através do questionário aplicado junto do pessoal docente que no ano 2016/17 prestava serviço na ESIC (Anexo 7).

Saliente-se que, de um universo de **cento e nove docentes (83 do QE e 86 com mais de 20 anos de serviço)**, **45%** desempenhava funções de **diretor de turma (DT)**, **51%** do ensino **básico** e **49%** do **secundário**.

Vejamos, então, o que nos “dizem” os dados recolhidos (cf. Anexo 8).

#### 3.1 LIDERANÇA / GESTÃO

##### A. LIDERANÇA

Com o objectivo de facilitar a análise da evolução dos dados a que se chegou no que a este campo concerne, especificamente em função dos parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, continuamos a optar por apresentar um quadro, não só com os resultados do ano a que reporta o presente Relatório, mas também com os dos dois anos transatos, o que significa que só o ano 2017/2018 respeita a atuais lideranças a nível de Direção, Coordenação de Departamento e Coordenação de DT (recorde-se que, no ano 2017/2018, os coordenadores das diferentes disciplinas se mantiveram).

Da observação dos dados sobressai o facto de que, quando comparado com o da Direção anterior, o desempenho da nova Direção é avaliado, pela maioria dos inquiridos, de forma bastante mais positiva, o mesmo se passando em dois dos aspetos considerados com a Coordenação de Departamento (“Capacidade de Li-



derança” e “Capacidade de Diálogo”). No que respeita à Coordenação de Disciplina verifica-se uma tendência inversa, assim como, embora de forma ligeira, em relação às de DT.

Vejamos, então, como eram os dados relativos aos anos 2015/16 e 2016/17 e o que mostram os de 2017/2018, que respeitam, como dissemos, a novas lideranças, à exceção da Coordenação de Disciplina.

CAMPO: LIDERANÇA	CAPACIDADE DE								
	LIDERANÇA			DIÁLOGO			MOBILIZAÇÃO		
	2015/16	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18
DIREÇÃO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	47%	58%	<b>75%</b>	56%	74%	<b>84%</b>	50%	61%	<b>70%</b>
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	40%	30%	<b>14%</b>	29%	17%	<b>9%</b>	31%	24%	<b>19%</b>
COORDENAÇÃO DE DEPARTAMENTO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	77%	76%	<b>82%</b>	87%	83%	<b>85%</b>	75%	75%	<b>74%</b>
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	17%	19%	<b>14%</b>	9%	15%	<b>12%</b>	17%	20%	<b>18%</b>
COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	82%	83%	<b>77%</b>	88%	88%	<b>84%</b>	80%	82%	<b>77%</b>
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	15%	16%	<b>20%</b>	7%	10%	<b>14%</b>	17%	16%	<b>20%</b>
COORDENAÇÃO DE DT	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	91%	90%	<b>89,5%</b>	93%	91%	<b>91%</b>	86%	91%	<b>85,5%</b>
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	3%	5%	<b>10,5%</b>	3,3%	3%	<b>9%</b>	10,5%	3%	<b>14,5%</b>

## B. GESTÃO

No âmbito deste campo, auscultados os docentes sobre os parâmetros “Horários e distribuição de serviço”, verifica-se o seguinte:

- é de **80%** a percentagem de docentes que está **bastante ou muito satisfeita com a distribuição de serviço**, (contrariamente ao que acontecia nos anos transatos, em que o mesmo acontecia apenas com 71% (em 2016/2017) e com 52% (em 2015/2016), estando apenas **6% pouco ou nada satisfeitos e 14% medianamente satisfeitos**;
- quanto aos **níveis atribuídos**, passou de 67% para **74%** para a **percentagem de docentes que está bastante ou muito satisfeita** (contra 53% em 2015/2016), tendo baixado de 13% para **7%** a dos que dizem estar **pouco ou nada satisfeitos** (contra 20% em 2015/2016);
- já em relação à **mancha horária semanal**, ela é do **agrado de 60% dos inquiridos e desagrada a 13%** (contra 62%/53% e 16%/28%, respetivamente, em 2016/2017 e 2015/2016).

Finalmente, e tal como nos anos anteriores, colocámos aos professores em serviço na ESIC uma última questão – quisemos saber até que ponto cada um se revê nesta escola, sendo que as respostas permitem uma leitura que nos parece interessante. Assim, os dados continuam a mostrar um **crescendo na percentagem dos que consideram a ESIC a “sua” escola**, já que se em 2015/2016 essa percentagem era de 60% e no ano transato se situava nos 71%, sendo agora de **85%**; simultaneamente, tem vindo a ocorrer um decréscimo dos que apenas **se revêm suficientemente** na ESIC, percentagem que passou de 33% em 2015/2016, para 30% em 2016/2017, situando-se agora nos **12%**.

Em síntese, o que claramente se percebe dos dados acima é que, no que ao indicador “Grau de satisfação interna” diz respeito, se registou uma melhoria nos resultados, fruto, eventualmente, de alterações implementadas pela nova Direção. Chama-se, naturalmente, a atenção para a necessidade de continuar a valorizar os docentes, elementos centrais na persecução de uma escola de qualidade, como se pretende. Este princípio, de resto, afigurasse-nos de grande importância, pelo que será necessário continuar a perseguir-lo.

**3.2** A exemplo dos anos anteriores e dos dados obtidos através dos questionários aplicados a alunos, EE e AT/AO no que respeita ao campo **Gestão**, continuou a pretender-se aferir a evolução em relação aos critérios “Práticas de organização” e “Eficácia”, assim como ao subsequente indicador “Grau de satisfação interna e externa” dos três grupos em causa.

Vejamos, então, os resultados obtidos e as eventuais alterações em relação ao(s) ano(s) anterior(es).

## **B. ALUNOS**

Convirá referir que no questionário aplicado aos alunos (Anexo 9), e com vista à determinação do indicador “Grau de satisfação interna”, foram considerados os parâmetros “Limpeza” (das salas de aula, dos WC, do pavilhão gimnodesportivo e dos espaços exteriores), “Funcionamento” (do bufete e do refeitório), “Segurança dos alunos no interior da ESIC” e “Controlo na portaria”, assim como (para os alunos do básico), “Atividades de acompanhamento ao estudo” (AAE), “Roteiros d’escrita” (RE) e “Reforço pedagógico de Matemática” (RPM), estes últimos para o 9º ano, e (para os do secundário) “Reforço pedagógico” (RP) e “Sala de estudo” (SE).

Considerando os dados obtidos (cf. Anexo 10) através das respostas dos **364 discentes** (menos dez do que no ano transato), verifica-se que **54%** dos inquiridos é do **sexo feminino**, logo, **46%** do **masculino**, sendo que **43%** frequenta o ensino **básico** (todos no ensino regular) e os restantes **57%** o **secundário** (70% no regular e 30% no profissional).

Atentemos agora nos parâmetros que se têm vindo a revelar de resolução mais complexa.

### **1. Grau de satisfação dos alunos em relação a**

#### **A. Limpeza**

**a) das salas de aula** – apenas **24%** dos alunos estão **muito ou totalmente satisfeitos** (o que traduz uma ligeira melhoria em relação ao ano anterior, dado que esta percentagem era, então, de 22%), sendo que **46%** dos alunos se consideram **satisfeitos** (contra 40% no ano 2016/17) e **30%** insatisfeitos;

- b) **dos WC** – os resultados revelam que é de **34%** a percentagem dos que dizem estar **muito ou totalmente satisfeitos** (também aqui um muito ligeiro agravamento em relação ao ano anterior, quando essa percentagem era de 35%), estando **satisfeitos 42%** dos inquiridos (no ano anterior tal percentagem correspondia a 38%) e **insatisfeitos 24%**;
- c) **do ginnodesportivo** – neste parâmetro, os resultados estão em linha com os do ano transato, visto que **59%** dos alunos afirmam estar **muito ou totalmente satisfeitos** (contra 58% em 2016/17) e **29%** dizem estar **satisfeitos**, percentagem que era, então, de 28% ;
- d) **dos espaços exteriores** – a percentagem dos alunos que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos** está agora um pouco melhor do que no ano transato, dado que corresponde **42%** (contra 36% em 2016/2017), tendo a dos que se dizem **satisfeitos** passado de 42% para **40%**;

Apesar das ligeiras melhorias, percebe-se que as condições de limpeza interior e exterior continuam a ser um problema, facto a que não é alheia a gritante falta de AO com que a ESIC continua a debater-se.

Uma vez mais, e a exemplo do que tem vindo a acontecer nos anos anteriores, importa salientar o seguinte: em relação ao funcionamento do refeitório escolar, pediu-se que só os alunos que efetivamente frequentam esse serviço respondessem ao parâmetro “Funcionamento do refeitório”, informação que, naturalmente, se incluiu no questionário. Espera-se que esta recomendação tenha sido respeitada, embora não seja possível averiguar se tal aconteceu ou não.

Centremo-nos, então, nos resultados apurados, sugerindo-se uma leitura atenta das razões que, tanto em relação ao bufete, como em relação ao refeitório, suscitam o desagrado manifestado pelos alunos no Anexo 10.

## **B. Funcionamento**

- a) **do bufete** – apenas **42%** dos alunos se consideram **muito ou totalmente satisfeitos** com o funcionamento do bufete (percentagem abaixo quer dos 49% do ano transato, quer, particularmente, dos 60% de 2015/16); simultaneamente, **78%** “queixa-se” **do tempo de espera** (contra 72% no ano anterior e 49% em 2015/16), sendo que, entre as causas para a sua insatisfação, os alunos salientam o facto de haver muitos professores a ser atendidos no mesmo espaço, o que torna mais moroso o seu atendimento. Ora, na sequência do

encerramento, mesmo que pontual, do bar dos docentes, como aconteceu no ano a que este Relatório reporta, é natural que tal aconteça. Não se vê, no entanto, forma de conseguir ultrapassar o problema (que no ano em curso se agudizou), a não ser através da colocação, pela tutela, de mais AO.

- b) do refeitório escolar** – graças a todos os esforços empreendidos, e **embora o serviço prestado pelo refeitório continue a não ser do agrado duma parte muito significativa dos nossos alunos**, é de registar o facto de ter ocorrido uma **redução** significativa do **grau de insatisfação**, não só em relação ao ano transato, mas também em relação aos anos anteriores, dados que o quadro abaixo permite comparar.

<b>Grau de (in)satisfação</b>			
<b>Evolução das percentagens de avaliações entre os níveis 1 e 3</b>			
2014/15	2015/16	2016/17	<b>2017/18</b>
75%	73%	80%	<b>70%</b>

Importa, agora, tentar perceber a causa ou causas da insatisfação manifesta(s) pelos alunos, para o que se consideraram também os resultados apurados desde 2014/15.

<b>Motivos de insatisfação</b>			
<b>Ano letivo</b>	<b>Qualidade da confeção</b>	<b>Quantidade servida</b>	<b>Tempo de espera</b>
<b>2017/18</b>	<b>67,5%</b>	<b>12%</b>	<b>16,5%</b>
2016/17	67%	11%	9%
2015/16	53%	20%	19%
2014/15	58%	20%	10%

Daqui se percebe que a qualidade da confeção continua a revelar-se um sério problema, que urgirá tentar ultrapassar de todas as formas possíveis. Por outro lado, importará também ter em consideração a referência ao tempo de espera, que, ao que parece, terá aumentado.

Assim, sugere-se a leitura atenta das queixas explicitadas em resposta aberta, nas quais os alunos se referem particularmente a questões ligadas com a deficiente confeção dos alimentos (cf. Anexo 10).

Face às informações recolhidas, parece ser importante continuar a repensar os dois serviços em causa, fazendo as alterações que se considerem mais convenientes, por forma a tentar que o grau de satisfação dos alunos atinja um nível desejável.

### C. Segurança

Em relação à segurança dentro da ESIC, verifica-se que o **grau de satisfação** dos alunos **melhorou ligeiramente**, dado que **70%** está **muito ou totalmente satisfeito** com a segurança (tal percentagem era de 63% no ano transato e de 62% no anterior), sendo de **23%** a percentagem dos que estão **satisfeitos** (contra **27%** no ano anterior).

Quando questionados sobre as razões pelas quais não estão satisfeitos com a segurança na ESIC, **58%** dos alunos salienta a **pouca vigilância nos espaços de recreio** (contra 50% no ano transato e 62% em 2015/2016), enquanto **10%** refere a **falta de controlo nas saídas/entradas**, o que, embora não nos satisfaça, revela uma melhoria relativa em comparação com os 14% no ano anterior.

Aliás, a este respeito, sugere-se, uma vez mais, a leitura atenta das respostas abertas dadas pelos alunos, nas quais são referidas, essencialmente, as entradas e saídas de alunos sem cartão, assim como a entrada de elementos estranhos à ESIC (cf. Anexo 10).

Face a estes dados, quer parecer-nos que a segurança interna deverá ser alvo de um maior rigor por quem de direito, questão que retomaremos mais adiante.

### D. Ensino básico: Atividades de acompanhamento ao estudo (AAE) / Roteiros d'escrita (RE) (9º ano) / Reforço pedagógico de Matemática (RPM) (9º ano)

#### Ensino secundário: Reforço pedagógico (RP) / Sala de estudo (SE)

Como todos sabemos, as atividades e disciplinas sobre as quais agora nos centramos foram pensadas no sentido de complementar e facilitar o desempenho escolar dos alunos. No entanto, curiosamente, o que fica das respostas dadas por estes é, no mínimo, desconcertante. Senão vejamos.

Quando auscultados sobre o grau de satisfação relativamente às AAE, aos RE e ao RPM (**ensino básico**) apenas **61%**, **49%** e **52,5%**, respetivamente, consideram

estar **muito ou totalmente satisfeitos**, o que deixa de fora uma significativa percentagem de alunos, num dos casos ainda maior do que a do ano anterior, dado que estas percentagens eram então, pela mesma ordem, 58%, 56% e 46%.

No que respeita aos alunos do **ensino secundário**, o panorama não é muito melhor, dado que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos** com o RP e a SE apenas **53%** e **58%**, respetivamente (contra 57% e 52% no ano transato).

Atendendo a que os apoios oferecidos pela ESIC foram completamente reformulados no ano em curso, aguarda-se pelo próximo relatório para aferir dos resultados. No entanto, e em função dos dados agora obtidos, continua a parecer-nos evidente a necessidade de envolver alunos e EE, de forma séria e responsável, no processo de ensino e de aprendizagem, dado que só assim, parece-nos, se poderão vir a obter resultados sustentados e promissores.

### C. ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Centremos agora a nossa atenção nos EE, interlocutores fundamentais para o êxito dos alunos. Como ponto prévio, entendemos importante referir que o total de respostas, que deveria ter sido igual ao dos alunos, isto é, 364, ficou-se pelas **205**, ou seja, **56% do expectável**, o que nos parece muito pouco. Assim, sugere-se que os DT atuem de forma firme junto dos EE, alertando-os para a importância do seu envolvimento na vida da escola que é, afinal, o espelho da vida escolar dos seus educandos e o espaço onde se fundam os alicerces do seu futuro.

Como habitualmente, o que se pretendia com a aplicação dos questionários direcionados para os EE (Anexo 11) era perceber o conhecimento que estes têm acerca do funcionamento da escola frequentada pelos seus educandos, assim como o grau de satisfação em relação à mesma.

Dos 205 EE que participaram, através de um questionário *on-line*, 91 são de alunos do ensino básico regular, 102 de alunos do secundário regular e 11 de cursos profissionais (houve um EE que, por lapso ou por desconhecimento, assinalou o seu educando como sendo do ensino vocacional). O reduzidíssimo número de EE de alunos do ensino básico que responderam a este questionário deve deixar-nos a todos, enquanto escola, muito apreensivos em relação ao envolvimento dos mesmos na vida escolar dos seus educandos.

Globalmente, o que se verifica (cf. Anexo 12) é que quase todos dizem acompanhar a “vida” da ESIC, sendo que **92%** considera **conhecer bem as regras de funcionamento** e **89%** reconhece que «**Os EE são incentivados a participar na vida da escola**», tendo passado de 67% para **73% a percentagem** dos que **entendem** que «**A escola resolve bem os problemas de indisciplina**».

Quanto ao serviço do **bufete**, o **grau de satisfação é ligeiramente melhor** do que o do ano transato, dado que **60%** o considera **bom ou muito bom** (contra os 54% de então), tendo passado de 41% para **38%** a percentagem dos que o consideram **razoável**. Continuam a ser razões para esta “avaliação” particularmente o **tempo de espera (56%)** e a **variedade dos produtos (21%)**, mas também a **qualidade** destes (**17%**).

No que respeita ao serviço prestado pelo **refeitório escolar**, verifica-se que o “grau de (in)satisfação” dos EE difere do que foi apurado junto dos alunos, se não, vejamos: **29%** considera-o **mau** (contra 31% dos alunos), **55%** **razoável** (por oposição a 39% dos alunos) e **16%** avalia-o como **bom** ou **muito bom** (vs 30% dos alunos), percentagens que em 2016/17 eram, respetivamente, de 37%, 51% e 11%. Poderemos assim deduzir que entre alunos e EE não há propriamente uma visão similar, em resultado, eventualmente, de uma deficiente comunicação. Porém, tal como acontecia com os alunos, também para os EE a **qualidade da confeção** é a principal razão de descontentamento apontada, visto que **74%** dos inquiridos a refere em primeiro lugar, o que, no entanto, significa uma redução de 5% em relação ao ano anterior.

Quanto às **condições de higiene** da ESIC, o resultado agora obtido continua a refletir a tendência de melhoria que se tem vindo verificar, dado que é de **89%** a percentagem dos EE que considera a escola **limpa** (contra 79%, 75% e 67% e nos três últimos anos).

No que à **segurança** diz respeito, e contrariamente à opinião veiculada pelos alunos, os EE evidenciam uma grande satisfação, visto ter passado de 91% para **97%** a percentagem dos que consideram a ESIC uma escola **segura**. Refira-se que muitos continuam a salientar a falta de AO como motivo para alguma insegurança.



Finalmente, pode concluir-se que os EE estão **muito satisfeitos com a escola**, o que se traduz na percentagem dos que afirmam **gostar que o seu educando a frequente**, que tem vindo a sofrer a seguinte evolução:

Grau de satisfação dos EE com a ESIC				
2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	<b>2017/18</b>
87%	89%	90%	97%	<b>98%</b>

#### D. ASSISTENTES TÉCNICOS (AT) E ASSISTENTES OPERACIONAIS (AO)

Finalmente, centremo-nos nos resultados obtidos a partir do questionário preenchido pelos assistentes da ESIC (Anexo 13), cujo objetivo, tal como o dos anteriores, foi reavaliar parâmetros que se têm vindo a destacar como mais complexos.

Das respostas dadas por **sete AT e 22 AO** (cf. Anexo 14), saliente-se que, contrariamente ao que vinha a acontecer, a forma como a **informação** circula na escola passou a ser um problema não tão grave, dado que **62%** considera que a mesma **circula bem**, contra 45% no ano transato.

Por outro lado, **86%** dos assistentes considera que **os seus «contributos para o funcionamento da escola são valorizados»**, o que, sendo uma percentagem bastante “confortável”, traduz uma melhoria em apenas um ponto percentual em relação ao ano anterior.

Já quanto à **segurança**, a visão dos assistentes agravou-se consideravelmente, dado que passou de 63% para **52%** a percentagem dos que consideram a ESIC uma escola **segura** (recorde-se que essa percentagem já foi de 73%, no ano 2012/13). A este resultado não é alheio, naturalmente, o facto de, em função do escassíssimo número dos assistentes operacionais que estão em serviço na escola haver a noção clara de que estes não conseguem desempenhar de forma efetiva o que deles se espera em relação à vigilância. Temos, no entanto, a certeza de que, dentro das limitações a que estão sujeitos, procuram fazer o melhor possível em prol da segurança de todos os que frequentam a ESIC.

Por fim, e apesar dos constrangimentos, no que respeita ao grau de satisfação global dos nossos assistentes, os mesmos estão muito satisfeitos, dado que passou de 92% para **97%** a percentagem dos que **afirmam gostar de trabalhar na ESIC** (em 2013/2014 essa percentagem era de 83%, sendo de 96% em 2014/2015 e de 86% em 2015/16).

## CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Apresentados os dados, é agora tempo de refletir um pouco, sintetizar conclusões e apresentar sugestões que se afigurem apropriadas. Como habitualmente, seguiremos a mesma estrutura do Relatório, em função dos Domínios, Campos e Parâmetros analisados.

No que respeita ao domínio **Resultados**, e mais concretamente no que ao campo **Resultados académicos** concerne, o que se constata é que o aproveitamento dos nossos alunos é consideravelmente fraco em todos os anos de escolaridade, tendo-se tornado ainda mais preocupante do que o habitual na disciplina de Matemática do 9º ano. Por isso mesmo, importará que os vários envolvidos reflitam de forma aturada, com vista à definição de estratégias concretas e/ou à alteração de práticas que se traduzam na melhoria dos resultados académicos dos nossos alunos. Saliente-se, porém, que quando nos referimos aos vários envolvidos não queremos apenas implicar o corpo docente, dado que entendemos que os alunos e o respetivos EE têm de ser igualmente envolvidos e responsabilizados no processo de aprendizagem. Por isso mesmo, sugerimos que uns e outros devem ser devidamente esclarecidos, sempre que se entenda necessário, mas particularmente ainda antes do início das atividades letivas, eventualmente em pequenas sessões com os DT e a Direção da escola, assim como ao longo do ano, em reuniões que não apenas as de entrega das fichas de registo da avaliação. De resto, convirá não esquecer que nem sempre alunos e EE valorizam o estudo e o trabalho, pelo que estes momentos deveriam servir para os sensibilizar para a importância não só do estudo diário, mas também para a vantagem de aproveitar todos os recursos que a escola coloca ao dispor dos alunos, que, de acordo com os dados recolhidos, parecem não ser devidamente valorizados e aproveitados. Assim, sugere-se que os DT atuem de forma firme junto dos EE, alertando-os para a importância do seu envolvimento na vida da escola que é, afinal, o espelho da vida escolar dos seus educandos e o espaço onde se fundam os alicerces do seu futuro. De resto, o reduzidíssimo número de EE de alunos do ensino básico que responderam ao questionário da CAI deve deixar-nos a todos, enquanto escola, muito apreensivos em relação ao envolvimento dos mesmos na vida escolar dos seus educandos, situação que urge inverter.

Quanto aos **Resultados sociais**, e embora os dados apresentados pelo PCI reflitam uma melhoria, como se assinalou, a nível das tipologias um e dois, os relativos à tipologia três (“Conflitos nas relações professor/aluno, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa”) reve-

lam-se absolutamente preocupantes. Em função desta realidade, parece-nos urgente proceder de forma a pôr cobro, de modo claro e inequívoco, a quaisquer situações em que a dignidade dos docentes seja posta em causa. Assim, sugerimos que, por forma a inverter rapidamente esta realidade, se proceda a uma ponderação muito cuidada, com vista à melhor atuação, absolutamente premente se tivermos ainda em consideração os dados apurados através dos questionários a docentes e assistentes. Naturalmente, alunos e EE terão de ser sensibilizados e responsabilizados, sem o que, como sabemos, a necessária e desejável melhoria dos resultados académicos dificilmente se manifestará. De resto, tudo isto se cruza com os objetivos do PCI, nomeadamente os que visam «melhorar o comportamento e a disciplina na sala de aula», «melhorar o ambiente escolar», «envolver alunos (...) e encarregados de educação na resolução dos problemas de indisciplina» e, consequentemente, «melhorar os resultados escolares dos alunos».

No que concerne ao domínio **Prestação de serviço educativo**, afigura-se fundamental continuar a “investir” no trabalho colaborativo. Aliás, face aos resultados académicos que se verificam em algumas disciplinas e anos, continua a parecer necessário que, com vista à melhoria do trabalho de pares, os diferentes grupos disciplinares “afinem” estratégias, perseguindo, por um lado, a concretização cada vez mais aprofundada de um trabalho colaborativo que tenha como centro os alunos e se concretize na troca de experiências e de práticas de sala de aula e, por outro lado, que se traduza na aplicação, tão rigorosa quanto possível e desejável, dos novos Critérios de avaliação. Será, por isso, fundamental que se continue a apostar fortemente nesta vertente, com vista à sua otimização, mas também à necessária alteração de comportamentos, dado que, como sabemos, da troca de experiências e de opiniões resulta uma aprendizagem que não se pode menosprezar, desde que haja da parte de todos vontade e abertura para a valorizar.

Em relação ao domínio **Liderança e gestão**, o que sobressai a observação dos dados é que o desempenho da nova Direção é avaliado de forma bastante positiva pela maioria dos inquiridos. Eventualmente, a este resultado estará associado o facto de ter aumentado a percentagem dos docentes que revela satisfação quer com a distribuição de serviço, quer com os níveis atribuídos, isto é, os docentes ter-se-ão sentido, de certa forma, mais valorizados. Este princípio, saliente-se, afigura ser de grande importância, uma vez que os docentes, tal como os assistentes, são elementos centrais na persecução de uma escola de qualidade que se pretende, pelo que entendemos que será necessário continuar a persegui-lo, “investindo” no pessoal docente e não docente e valorizando o seu trabalho – estamos cientes de que assim todos os envolvidos e, consequentemente, a ESIC, sairão recompensados.

No que respeita aos resultados a que se chegou através dos questionários aplicados a alunos e EE, os mesmos apontam para a necessidade de continuar a procurar melhorar as condições de segurança da escola. A este respeito, e não deixando de sugerir a leitura atenta das respostas abertas dadas pelos alunos (nas quais são referidas, essencialmente, as entradas e saídas de alunos da escola sem cartão, assim como a entrada de elementos estranhos à mesma), não poderemos deixar de salientar a impossibilidade de manter uma vigilância interna adequada, em função da (quase) inexistência de AO. No entanto, o controlo incorreto dos cartões de estudante e a eventual facilidade com que pessoas que não são da escola entram na ESIC são igualmente preocupantes, pelo que se espera que novas práticas sejam implementadas.

Apesar da gritante falta de AO com que a ESIC continua a debater-se, no que respeita à limpeza dos espaços escolares são de registar, com agrado, as ligeiras melhorias assinaladas pelos alunos, a que não serão alheias as novas práticas implementadas pela nova Direção, em colaboração com a chefia dos AO. No entanto, e a exemplo de anos anteriores, não poderemos deixar de salientar que os alunos são os principais responsáveis pelas condições de pouca higiene com que frequentemente nos deparamos nas zonas comuns e/ou nas salas de aula, pelo que devem os mesmos ser responsabilizados pelos seus atos de pouca civilidade. Continuamos, assim, a propor a concretização de ações de sensibilização que passem pelo registo e divulgação de situações concretas, particularmente nas salas de aula, através de fotografias com que EE e alunos fossem confrontados.

Quanto ao bufete, os alunos continuam a revelar-se insatisfeitos, particularmente pelo facto de os professores serem também atendidos naquele que deveria ser apenas um espaço seu. Ora, e porque, precisamente por falta de AO, o bar dos professores tem estado periodicamente encerrado, o que se prevê é que as “queixas” dos alunos se agudizem, sem que a escola possa ter qualquer intervenção no sentido de os satisfazer.

Finalmente, em relação ao refeitório, e face às informações recolhidas, parece ser importante continuar a repensar este serviço, fazendo as alterações que se considerem mais convenientes, por forma a tentar que o grau de satisfação dos alunos atinja um nível desejável, particularmente no que à confeção dos alimentos diz respeito. Continua a sugerir-se, por isso, uma atenção e vigilância permanentes, preferencialmente em colaboração com a APESCA, assim como o estabelecimento de contactos informais com os utilizadores do refeitório, de modo a tentar perceber em tempo real se há, de facto, razões para as queixas que os alunos continuam a referir.